

A mulher entre sexualidade e plexualidade. Abellio perante a ideologia de género, por JG Abreu

*Sexualidade, plexualidade e cerebralidade estão correlacionadas, numa senária perpetuamente aberta: a dualidade sexual (vista em modo de grandeza) intensificando-se infinitamente na unidade plexual (vista em modo de intensidade) por intermédio da infinidade cerebral.*

Raymond Abellio, *La Structure Absolue*, 1965, p. 388

Podem o masculino e o feminino, o homem e mulher, ser reduzidos a uma “questão de género”? E o que significa “uma questão de género”? Na gramática, o género é um atributo utilizado para classificar morfologicamente os substantivos. Nas línguas latinas, os substantivos são masculinos ou femininos, uma vez que não existe o género neutro.

Reduzir o sexo a uma “questão de género” situa, portanto, a questão no domínio da linguística. O sexo é desnaturalizado e constituído como um substantivo, ou um atributo, “fechado” numa “convenção cultural”, e enquanto tal, torna-se dependente da evolução (ou involução) da noção de género.

Estamos, então, no coração do que é conhecido nas ciências sociais como “teoria do género”, cuja base é o trabalho de Judith Butler. Segundo Butler, “o género é performativo”, não tem um “papel fixo”, uma vez que a sua identidade “é estabelecida pelo comportamento”, tornando-se assim possível “construir diferentes géneros através de diferentes comportamentos”. O género surge como uma “construção cultural” banal, se não mesmo como uma “convenção social” arbitrária.

Não obstante, esta “teoria de género” tem sido descrita e desvalorizada como “ideologia de género” pelo Vaticano. O texto “Criou-os Homem e Mulher”, da autoria da Congregação para a Educação Católica e publicado em 2019, refuta esta teoria, uma vez que, segundo a “ideologia de género”, “o próprio conceito de género torna-se dependente da atitude subjetiva da pessoa”. Concebidas como atos performativos, “as propostas de género confluem no *queer*, ou seja, numa dimensão fluida, flexível e nómada, a ponto de apoiar a emancipação completa do indivíduo de qualquer definição sexual dada a priori”.

Na minha exposição, pretendo mostrar que a visão abelliana da dialética que enquadra as oposições entre sexo, sexualidade e género, estão envolvidas numa intensificação cuja ascensão culmina na “plexualidade”, demonstrando assim o alcance profético do pensamento abelliano, por um lado, face ao confucionismo desconstrutivista da ideologia de género e, por outro, face ao naturalismo idealizado do catolicismo canónico.